Mulheres em performance musical: nosso musicar local

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Harue Tanaka
Universidade Federal da Paraíba – hau-tanaka@hotmail.com

Resumo: A comunicação refere-se ao que Christopher Small denominou de *musicking*, tomado pelo projeto de pesquisa, coordenado por Suzel Reily (Unicamp), sobre o musicar em diversos locais. Assim, nosso musicar descreve e analisa uma das ações do grupo de pesquisa MUCGES (Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde) que fomenta a pesquisa interdisciplinar sobre a performance musical de mulheres; um projeto de extensão universitária, na cidade de João Pessoa-PB intitulado Mulheres em performance musical: cuidando do musicar local.

Palavras-chave: MUCGES. Musicar local. Curso para mulheres. Performance musical. Extensão universitária.

Women in Musical Performance: Our Local Musicking

Abstract: The communication refers to what Christopher Small called musicking, taken by the research project, coordinated by Suzel Reily (Unicamp), about the music in several places. Thus, our musicking describes and analyzes one of the actions of the research group *MUCGES* (Music, Body, Gender, Education and Health) that fosters interdisciplinary research on the musical performance of women; a university extension project in the city of João Pessoa-PB titled Women in musical performance: taking care of local music.

Keywords: *MUCGES***.** Local Musicking. Course for Women. Musical Performance. University Extension.

1. Intróito

A ação que será descrita e analisada trata de um curso ministrado por uma professora, doutora em Educação Musical, e duas doutorandas em Etnomusicologia, para mulheres, a partir dos quinze anos de idade denominado "Curso de Música para Mulheres: do fazer musical à leitura". Tal curso representa o ponto de culminância dos planos de ação de um grupo de pesquisa, criado em 2016, visto que percebemos que seria um modo de aplicabilidade das questões encampadas metodológica e educativamente pelas educadoras musicais/ etnomusicólogas em suas práticas docentes, fruto das discussões originalmente fomentadas pelo referido grupo.

O presente curso, ainda, foi definido a partir da questão da performance musical de mulheres, todavia, entendo-o como mais uma das formas de musicar (*musicking*), expressão cunhada por Christopher Small, inclusive, adotada pelo projeto de pesquisa liderado por Suzel Reily (UNICAMP) – Projeto Musicar Local –, não se encerrando na performance, posto que se encontra atrelada ao musicar (cantar, tocar, ouvir, falar sobre

música, etc.). Partindo de nossa prática como instrumentistas, músicas (feminino de músicos), participantes e criadoras de grupos de mulheres que performatizam musicalmente, iniciamos as discussões no MUCGES a partir da participação e observação em um grupo de batuqueiras criado por uma das integrantes do MUCGES juntamente com outras duas instrumentistas, [“As Batucas”, nome fictício]. A criação do grupo de pesquisa foi relatada em eventos científicos da área de Educação Musical, como o XXII Seminário Latino-americano de Educação Musical, na Argentina, bem como no Brasil (TANAKA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2016, 2017; ROCHA; TANAKA; FREITAS, 2017).

2. Produção científica do MUCGES e seu quadro teórico

A produção individual das pesquisadoras do MUCGES sobre temáticas que fazem interface com a produção desse coletivo antecede à criação do próprio grupo (SECRETARIA..., 2008; TANAKA, 2009; TANAKA, 2018). Chamamos a atenção para a baixa produção de textos que dialogam com a área da música interdisciplinarmente, principalmente, em relação aos estudos de gênero (TANAKA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2016; ROCHA; TANAKA; FREITAS, 2017). O estudo de Freitas (SECRETARIA..., 2008) situa-se no campo das políticas públicas para a equidade de gênero na cultura popular. A pesquisadora esteve coordenadora junto à Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, produzindo o vídeo-documentário Batuques da Terra. Em suas pesquisas Tanaka (2009) iniciou sua incursão acadêmica pelas questões de gênero, a partir de sua participação como única mulher até então a fazer parte de uma bateria de escola de samba fundada em 1956. Barbosa (2019, a ser publicado) discutiu sua prática como mentora e ministrante de oficinas de percussão para mulheres. A partir de sua criação, o MUCGES se preocupou em relatar seus passos iniciais, tendo como objeto de estudo as brincantes do coco Mestra Ana do Coco e Vó Mera.

Como suporte teórico, utilizamos, por exemplo, para relacionar questões que tratam do corpo (uma das categorias analíticas), textos de Del Priore (1997, p. 78-114), bem como Heilborn (1997, p. 48) que afirma não existir nada natural no nosso corpo, dado que antes de qualquer coisa existe “uma dimensão produzida pelos imperativos/ efeitos da cultura”. “As mulheres produtoras da cultura popular paraibana, estiveram historicamente à margem da produção cultural, em particular, porque muito dessa produção funda-se numa cultura de viés androcêntrico e machista” (ROCHA; TANAKA; FREITAS, 2017, p. 6). Assim, os trabalhos com mulheres nos supracitados meios musicais tiveram por fulcro observar aspectos relevantes para problematizar questões como a autoestima das mulheres no

fazer musical, sobre como se congregam e como constroem a conscientização de modo crítico sobre o pensamento político de empoderamento social, musical, inclusive de aprendizagem e consciência cidadã, fomentando, até mesmo a economia criativa local. Todas essas dimensões são consideradas em um sentido de musicar local conforme proposto pelo projeto Musicar Local (coordenado por Suzel Reily) que considera o termo musicar (*musicking*) como o ato de "engajar-se num processo interativo ligado à produção e vivência da música. Ao atrelarmos o musicar ao local, buscamos investigar como o musicar constrói a localidade e como é construído por ela" (PROJETO MUSICAR LOCAL, 2016, p. 1).

Em franco entendimento sobre as necessárias interfaces entre a Etnomusicologia e a Educação Musical, além do compartilhamento de saberes, estudos e análises dentro da área, mantemos o diálogo entre essas importantes subáreas a partir do referencial teórico iniciado pela Etnomusicologia sobre Música e Gênero (Tab. 1 – Produção científica do MUCGES). Extenso para ser mencionado no âmbito desse relato, podemos afirmar que o referencial teórico acompanha a diversidade das áreas/ categorias analíticas abarcadas pelo grupo com base no entendimento sobre o tipo de abordagem interdisciplinar por suas pesquisadoras.

Evento (2016-2018)	**Tema/Título**	**Objetivo(s)**
XXIII Seminario Latinoamericano de Educación Musical do Fórum Latinoamericano de Educação Musical (Fladem) – Buenos Aires/Argentina – 2016	Educação musical e etnomusicologia: memórias femininas e as interfaces entre música, gênero, educação, corpo e saúde	Compartilhar a experiência de docência/pesquisa que culminou com a criação do grupo de pesquisa MUCGES.
XXII Seminário Fladem Brasil – (e V Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas – NUCLEAS) Delta do Parnaíba/PI (2016)	Gênero, música, corpo e educação em uma comunidade feminina batuqueira: imagem e "ação!" (Apresentação de vídeo)	Apresentar vídeo de registros audiovisuais de momentos de aprendizagem musical do grupo "As Batucas".
XIII Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical Regional/NE – Teresina/PI (apresentada) (2016)	Educação musical: Interfaces com etnomusicologia, música, corpo, gênero, educação e saúde em um grupo de pesquisa	Apresentar o quadro de planejamento (primeiras reuniões), através dos planos de ações encampados por três linhas de pesquisa.
VIII Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia – Rio de Janeiro/RJ (apresentada) (2017)	Mulheres brincantes do coco em cena: uma análise inicial sobre um grupo de pesquisa em gênero e música	Dar informações sobre os pretensos passos em busca da observação e análise de algumas mulheres que fazem parte da cultura popular paraibana.
XXIII Encontro da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) - Manaus/AM (2017)	Considerações sobre a trajetória de uma pianista em uma experiência de aprendizagem musical como sanfoneira (acordeonista)	Relatar a experiência de vinte e três anos de docência/pesquisa e sua influência na criação do MUCGES.
XI Encontro da International Society of Music Education Latinoamericana – Natal/RN (2017)	Educação musical e gênero: uma construção epistemológica interdisciplinar na visão do MUCGES	Apresentar e debater sobre a trajetória do grupo de pesquisa interdisciplinar MUCGES e discutir seus desafios metodológicos.
I Jornada Fladem Brasil – João Pessoa-PB (2018)	Educação Musical e o pensamento latino-americano: interações entre pedagogias abertas, currículo e	Conferência

	formação humana	
XXVIII Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (2018)	Reflexões sobre o universo da performance musical feminina: o caso das sanfoneiras acadêmicas	Relatar questões relacionadas ao universo das primeiras sanfoneiras local.
II Seminário Nacional do Fladem Brasil – Vitória-ES (2018)	Práticas pedagógico-musicais de mulheres performers e suas pedagogias abertas (parte 1)	Discutir inicialmente práticas pedagógico-musicais de mulheres de suas pedagogias abertas
II Fórum de Etnomusicologia da UFPB/ ABET (2018)	Música instrumental, gênero e feminismos	Grupo de discussão

Tabela 1: Produção científica do MUCGES (2016-2018).

No presente, temos a proposição de um projeto de extensão cujo objetivo é potencializar os planos de ação do MUCGES através de inúmeras atividades, aliando-o à criação de um curso de extensão que está sendo ofertada à comunidade feminina interna e externa à universidade, iniciado em março do corrente ano.

3. Mulheres em performance musical: cuidando do musicar local

Denominação dada ao curso de extensão cujo intuito é convocar mulheres para falar, aprender, discutir sobre o fazer musical e o musicar local, dando a oportunidade do desfazimento de mitos e falsas ideias que foram sendo construídos no imaginário feminino sobre sua relação com o universo musical. Proposto para mulheres ou pessoas com identidade de gênero mulher, a partir dos 15 anos de idade, com ou sem experiência formal na música, aproveitando o máximo das potencialidades musicais que todas já trazem consigo. Por musicar entendemos, sob diversas formas, não só o tocar, o ouvir (percepção/ apreciação), o cantar, mas até mesmo o ato de baixar músicas pela internet, assistir a apresentações musicais, bem como produzir *shows* ou apresentações, ou ainda compor e improvisar, etc.

De fato, após anos de docência, percebemos que a quantidade de pessoas marcadas pela identidade de gênero mulher, participantes dos cursos de música (extensão e graduação), é inferior à quantidade de pessoas marcadas pela identidade de gênero homem, destacando os cursos de música como um todo. Tendo um grande contato com a comunidade musical externa à universidade, evidenciamos alguns aspectos sobre o perfil dxs alunxs, principalmente, em relação ao público feminino. Surpreendeu-nos, portanto, o número de mulheres que se interessaram pelo Curso de Música para Mulheres: do fazer à leitura ("Mulheres em performance musical: cuidando do musicar local"), a partir do momento em que foi divulgado pelo Instagram e grupos do WhatsApp. Após a aula inaugural que ocorreu no dia 14 de março do corrente ano, houve uma procura ainda maior. Dois dias após seu

início, tivemos que aumentar o número de vagas, para que a demanda fosse absorvida, evitando frustrações das aspirantes às vagas.

Surgiram muitas dúvidas em relação ao curso, porém foi curioso perceber o receio em se inscrever ou mesmo comparecer à aula inaugural para verificar sobre o que trataria o curso. A maioria queria participar, porém não se sentia "apta" ou "capaz". Quando se trata de cursos de extensão universitária, as pessoas costumam se inscrever, independentemente da metodologia a ser adotada. De fato, acreditamos que no imaginário das pessoas "aprender música" está comumente ligado a aprender um instrumento e quando se tratou de interpretar o enunciado "Do fazer à leitura", entenderam que o curso seria de teoria musical. Nesse sentido, o curso soou para a maioria estando voltado para tocar ou cantar (até dançar), já que a coordenadora (a quem muitas já conheciam) é professora de piano e toca outros instrumentos profissionalmente (sanfona e alfaia, tambor de maracatu). Outras, só decidiram frequentar o curso por ser exclusivamente para mulheres e ministrado por mulheres; algumas, inclusive, chegaram a se certificar disso. Entendemos a partir dos depoimentos que as mulheres esperam antes de mais nada um lugar de acolhimento já que muitas relataram não terem aprendido música em outros cursos e acabaram por desistir da música formalmente, principalmente por não se sentirem bem ou à vontade nas aulas.

Uma questão observada ao longo de anos de observação da relação das mulheres com a música é a presença da baixa crença de autoeficácia e a descrença de suas capacidades motoras. Aquela, definida por Bandura como a confiança que o sujeito tem para desempenhar as tarefas necessárias para atingir um determinado objetivo. As "crenças de autoeficácia ocupam uma posição central na Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura (1997; 2008). Estas crenças são convicções, autocrenças, autoavaliações que os indivíduos fazem de suas capacidades ao confrontarem ou realizarem diferentes atividades" (BANDURA, 1997 apud GONÇALVES; ARAÚJO, 2014, p. 139). Essa, traduzida em falas como "Eu não tenho jeito/ dou pra música; eu não tenho a (mínima) coordenação motora". Que se assemelharia à fala que recebemos por mensagem: "Sou analfa total em música, posso chegar?", no âmbito desse relato, em relação à habilidade de ler partitura ou sobre ter conhecimentos musicais.

Nossa ideia é oportunizar um ingresso em um espaço social em que se possa discutir sobre música e vivenciá-la inicialmente a partir da relação movimento, corpo e ritmo. Nessa primeira fase que durará um ano, trabalharemos o ritmo e a melodia, partindo do parâmetro da duração do som, introduzindo o "conceito de posição" (CIAVATTA, 2011, p. 44). Para tal, optamos pela utilização de metodologias que consideramos híbridas (provindas tanto de contextos de ensino e aprendizagem institucional quanto não institucional – próprias

dos meios de saber tradicional), consoante as chamadas pedagogias abertas. Seguindo uma das 3 linhas de pesquisa do MUCGES, qual seja a construção e reflexão em torno de metodologias não convencionais frente ao ensino-aprendizagem tradicional de música. A abertura pedagógica "é uma das bases da educação musical latino-americana proposta pelo FLADEM. Abertura significa não se vincular a modelos, sem ignorá-los, no entanto. Implica, ainda, em ampliar nossa visão, discernindo entre o que é aceitável e o que é preciso descartar." (SIMONOVICH, 2009, p. 19 apud BRITO, 2012, p. 114).

Preliminarmente, promovemos dinâmicas de sensibilização à musica, através do musicar rítmica e corporalmente (práticas respiratórias, corporais, yôga, introdução a'O Passo, etc.), ministrada pela doutoranda em Etnomusicologia e professora de práticas holísticas (reiki e yôga), além de instrumentista. Há um entendimento conjunto de que existe uma emergente necessidade de trabalhar corpo e mente, sendo esse o fulcro do curso. Acreditamos que a principal lacuna na questão do aprendizado musical/ instrumental é a ausência de correlação entre movimentos corporais com o fazer musical, diríamos ainda, do movimento corporal com a própria leitura (teoria musical). Inclusive, utilizamos nas oficinas de leitura à primeira vista, o movimento e a contagem como fatores regulares a fim de definir a posição da célula rítmica dentro do tempo. Outra linha de ação se apoia em um dos principais aportes do plano pedagógico do curso, a utilização do método O Passo de Lucas Ciavatta (2011) por ser detentor de um trabalho musical consolidado a partir de uma musicalização que prioriza o conceito de cognição corporal (REINER, 2000 apud CIAVATTA, 2011, p. 26), através do andar.

> Fora do âmbito da antropologia podemos encontrar vários estudos que trabalham com a hipótese de que nosso corpo aprende de fato mais do que podemos imaginar. O conceito de *cognição corporal* exposto por Reiner (2000) rejeita a perspectiva de um aprendizado do intelecto efetivado com o auxílio do corpo, e afirma que é o próprio corpo que aprende, mas por vias particulares que prescindem de procedimentos intelectuais. (CIAVATTA, 2011, p. 26, grifo nosso).

Através da partitura não convencional d'O Passo pode-se chegar à partitura tradicional. Na sequência, vamos introduzindo o fazer composicional, o conhecimento de ritmos populares que são os que se prestam à identificação musical da maioria das pessoas com ou sem formação musical institucional; uma vez que, no âmbito da cultura popular, o musicar está ligado a uma cultura que prescinde da escrita.

Consideramos O Passo um dos métodos mais eficazes na musicalização a ser utilizado por todos – músicxs e não músicxs –, pessoas com formação institucional ou não, artistas e músicxs, uma vez que "expressa graficamente sensações corporais associadas a ideias musicais através de símbolos que uma criança de sete anos normalmente já domina

(números e vogais)" (CIAVATTA, 2011, p. 79), pessoas que querem compreender melhor o que fazem e como se faz música de uma forma consciente. Iniciamos o curso com dinâmicas de consciência corporal, para então, introduzir a questão rítmica. Ciavatta introduz o conceito de posição que desconhece estar na literatura teórico-musical, todavia, seria considerado a "quinta propriedade" do som, ao lado da duração, intensidade, altura e timbre. O conceito de posição "se utiliza de ferramentas diferentes daquelas utilizadas pelo conceito de duração. Ele se constrói a partir de outros conceitos, tais como espaço musical e movimento musical, e assim tem sido extremamente útil [...]". (CIAVATTA, 2011, p. 44). Ciavatta encerra o tópico do item sobre posição resumindo:

> É fundamental ter em mente que o conceito de posição pressupõe uma tomada de consciência, pressupõe necessariamente a utilização de uma forma de notação que possibilite dar um nome à localização de um determinado evento num espaço musical. Neste sentido, ser capaz de realizar um ritmo e andar simultaneamente é um passo importante, mas dar um nome a este evento, notá-lo corporal e oralmente, conhecer sua posição, é o passo seguinte e fundamental. (CIAVATTA, 2011, p. 53).

Analisando o perfil das ingressantes, percebemos que a experiência musical de algumas perpassa, inclusive, pela composição; das 3 compositoras sabidamente existentes no grupo, duas acabaram de ter suas composições selecionadas em um festival de música do estado; várias já são batuqueiras e compõem grupos de música da cidade predominantemente formados por mulheres. As que já possuem uma inserção no mundo da música estão descobrindo o lado formal da música (através de textos, vídeos e outros *links*) ao lado de mulheres que nunca tiveram a oportunidade de se musicalizar, visto que temos o intuito de ir do "fazer musical à leitura". Consequentemente, pretende-se levá-las a compreender a escrita musical, todavia, perpassando pela relação de movimento corporal e movimento musical. Conforme sustenta Ciavatta (2011, p. 23):

> [...] qualquer movimento corporal, voluntário ou involuntário, altera e define nossa realização musical. Nesse sentido, um processo de ensino-aprendizagem na área de Música que desconsidere a relação entre estes dois tipos de movimento se verá sempre fragilizado e, dependendo da compreensão ou habilidade requerida, apresentará lacunas que apenas o resgate desta relação poderá preencher.

As aulas, metodologicamente, compõem-se de uma parte discursiva (rodas de conversa) e outra, eminentemente prática. Alguns assuntos são cuidadosamente selecionados, quer digam respeito ao musicar local ou a questões específicas de música, tais como: "A quem interessa a partitura musical?"; "Música erudita versus música popular"; "A mulher na música", "As compositoras, as maestrinas...", "Sexismo na música", dentre outras.

Na aula inaugural, por exemplo, propusemos explicar as motivações que nos levaram a criar um curso para mulheres, apresentando compositoras desconhecidas para a

maioria das pessoas. Chiquinha Gonzaga, autora de "Ó, Abre-alas!" e "Corta-jaca"; Joana Batista Ramos[1], uma das autoras de "Vassourinha" (ao lado de Matias Rocha) e Nina Simone, autora de *Feeling Good*. Com isso, demonstramos que é chegada a hora das mulheres reivindicarem reconhecimento no universo musical, também, como compositoras, área de quase total invisibilidade delas.

Partimos de alguns exemplos de compositoras que se tornaram referência em seus universos locais e se espraiaram em um globalizar musical a fim de proporcionar um despertar de uma relação identitária com o seu próprio fazer musical local, visto que muitas mulheres participam de grupos que performatizam repertórios da cultura popular local (maracatu, coco de roda, samba, forró, ciranda, etc.), bem como da música popular brasileira (MPB) e como vimos, são compositoras. E que, com esses estilos musicam amadorística ou profissionalmente. Segundo Appadurai (apud PROJETO MUSICAR LOCAL, 2016, p. 5), "a 'localidade' enquanto estruturas de sentimentos é compreendida como valor que se realiza nas interações sociais e suas formas de mediações [...] entre pessoas e os espaços em que atuam e transitam, seja fisicamente, seja de forma imaginária".

4. Últimas notas

Ao pensarmos em um curso voltado apenas para mulheres ou pessoas marcadas por identidade de gênero mulher, imaginamos que haveria uma demanda a ser atendida. Entretanto, não imaginávamos que proviria de pessoas oriundas de universos tão distintos tampouco que a procura por vagas superasse a expectativa inicial de 20, passando a 50 inscritas. O interesse partiu também de pessoas não músicas ou que já musicavam localmente em outros grupos. Nossos propósitos foram superados, tendo nossa aula inaugural sido incluída na programação do Fórum de Lutas das Mulheres da UFPB, em homenagem à Marielle Franco e contando, na segunda aula, com a presença da TV Universitária [UFPB] para nos entrevistar, tamanho foi o impacto da ação.

Intitulamos de aula-palestra com o título "Mulheres em performance musical: cuidando do musicar local". Cuidar do musicar local diz respeito ao olhar sobre as manifestações de mulheres seja observando, militando nas causas do musicar local através da participação em grupos performatizam musical e artisticamente, seja levando sua arte às ruas e abarcando um expressivo número de mulheres em busca do seu lugar social, também, através da Música, no sentido do empoderamento, do combate à violência contra as mulheres, à LGBTQfobia, ao machismo (endêmico em nossa sociedade patriarcal) e o repudio ao racismo e a discriminações de toda sorte. Essa postura se coaduna com o tema do presente

encontro que trata da interculturalidade representada por um fomento às relações interpessoais e interculturais respeitada a diversidade entre as mulheres que deverá seguir o caminho do diálogo e da assertividade, uma vez que estamos tratando/ cuidando de um local de acolhimento para se musicar *lato sensu* dentro de sua diversidade cultural e social. Além das tentativas do desfazimento de "mitos" e falsas ideias das mulheres em relação ao mundo musical, de sua participação, formas de aprendizagem e inserção nesse universo.

Essa ação coroa a tentativa, enfim, de colocar em prática a aplicabilidade de metodologias de ensino de música, cujo ponto culminante é a criação de um espaço educativo musical para aquelas que não se sentiam acolhidas para musicar em *locus* institucionais. Trata-se de uma aproximação com o lado formal do ensino da música a partir de propostas metodologias de cunho híbrido (institucional e não institucional; tradicional e aberta), num trânsito de saberes entre o fazer local e o fazer acadêmico ("Encontro de Saberes"), um grande e doce desafio para as ministrantes.

Referências:

BRITO, Teca Alencar de. FLADEM – Fórum Latinoamericano de Educação Musical: Por uma Educação Musical Latinoamericana. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 28, p. 105-117, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/107-378-1-PB.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.

CIAVATTA, Lucas. O Passo: música e educação. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2011, 206 p.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. Coord. de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p.

GONÇALVES, Lílian S.; ARAÚJO, Rosane C. de. Um estudo sobre percepção musical e crenças de autoeficácia no contexto de uma instituição de ensino superior paranaense. *Revista ABEM*. Londrina, v. 22, n. 33, p. 37-153, jul.dez., 2014.

HEILBORN, M. L. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, Denise Dourado (Org.). *Feminino masculino*: igualdade e diferença na justiça. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PROJETO MUSICAR LOCAL. Coord. Suzel Reily. Projeto de pesquisa. Unicamp, SP. 2016. Disponível em: http://antropologia.fflch.usp.br/sites/antropologia.fflch.usp.br/files/upload/paginas/O%20MUSICAR%20LOCAL%20projeto.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

ROCHA, Rosenilha; TANAKA, Harue; FREITAS, Lígia. Sobre o MUCGES: o desafio da interdisciplinaridade. In: FAZENDO GÊNERO, 11.; MUNDO DE MULHERES, 13., 2017, Florianópolis. *Anais*... Florianópolis: UFSC. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499291152_ARQUIVO_FazendoGenero2017-ArtigoRoseHauLigia-05dejulho_final.pdf. Acesso em: 04 jul. 2019.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES. Batuques da Terra. Produção de Lígia Luís de Freitas. Vídeo-documentário. VHS, João Pessoa-PB: Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres/ TV Cidade de João Pessoa, 2008.

TANAKA, Harue. Diário de uma ritmista aprendiz. João Pessoa: Ed. Universitária, 2009.

TANAKA, Harue; BARBOSA, Katiusca dos S.; OLIVEIRA, Luíza Iolanda P. C. de. Música, corpo, gênero, educação e saúde (MUCGES): experiência de ensino e de aprendizagem em uma comunidade feminina batuqueira. In: MOLINARI, Paula (Org.).

Música, educação e cultura: tecituras e tessituras no nordeste brasileiro. Campo Limpo Paulista: FACCAMP, 2016. 167f.

_____. Empoderamento e performance musical: pesquisadoras em um batuque feminino. In: FAZENDO GÊNERO, 11.; MUNDO DE MULHERES, 13., 2017, Florianópolis. *Anais*... Florianópolis: UFSC. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499321017_ARQUIVO_Fazendogenero_2017_versaofinal_enviada.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

TANAKA, Harue. Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. *Revista Claves*, Programa do Pós-graduação em Música da UFPB, João Pessoa, v. 1, p. 1-25, 2018b. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/42277/21066. Acesso em: 04 ju. 2019.

Notas

[1] Procura-se Joana Ramos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KXv0OMyJtjE. Acesso em: 30 mar. 2019.